



Casa de sementes “Raízes da terra”: uma experiência de luta e resistência do povo Indígena Tremembé da Barra do Mundaú, Itapipoca, Ceará.

Seed house “Roots of the Earth”: an experience of struggle and resistance of the Tremembé Indigenous people of Barra do Mundaú, Itapipoca, Ceará.

LIMA, Fátima Gabriele Lourenço ¹; CASTRO, Grazielle Silvestre de ²; NASCIMENTO, Lauriane Castro do ³.

gabrieletremembe17@gmail.com¹; grazielesilvestre200@gmail.com²; laurianetremembe@gmail.com³;

^{1,2,3}Agente Ambiental Indígena, estudante de Agronomia-Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- Unilab.

Terra Indígena Tremembé da Barra do Mundaú, Itapipoca, Ceará, Brasil.

Eixo Temático: Biodiversidade e Bens Comuns dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais

Contextualização da experiência

O trabalho apresenta uma experiência vivenciada pelas famílias indígenas, com a casa de sementes Raízes da Terra, localizada em uma área de retomada (espaço invadido por posseiros e retomado pelo povo) na Terra Indígena Tremembé da Barra Mundaú, Itapipoca-Ceará- Brasil. Este município é conhecido pelos seus três climas: praia, serra e sertão, estando o território indígena na área da praia, e com uma forte diversidade de recursos naturais, como: matas, mar, dunas, manguezal, rio (a foz do rio Mundaú é uma das delimitações naturais da área), portanto, tem solos férteis e adequados ao plantio de diversas culturas. A experiência foi iniciada pelos agricultores/as que viam a necessidade de se ter um espaço coletivo de armazenamento de sementes, pois a maioria não as tinha para o plantio em determinadas épocas do ano, e dependiam de doações de outros/as agricultores/as, e se efetivou com o apoio do programa regulamentado pela ASA (Articulação do Semiárido Brasileiro).

Nesse intuito os agricultores seguem os conceitos bases da agroecologia, que vem sendo usado por diversos povos indígenas no decorrer das gerações, tendo sua relação direta do alimento com a terra e as três esferas que regem a humanidade, isso é o meio ambiente, o meio social e acima disso o meio cultural. Assim, assegura-se que os territórios indígenas são uns dos principais guardiões da agrobiodiversidade quando se fala da região latino-americana.

Por fim, a casa de sementes tem sido trabalhada como uma das práticas agroecológicas do território Tremembé, e esta relação tem se dado de forma horizontal e contínua, a fim de minimizar os impactos ambientais e garantir a segurança alimentar do povo.

Desenvolvimento da experiência

O povo indígena Tremembé vive em um contexto de fortes conflitos com um empreendimento turístico que visa explorar os recursos naturais com diversas construções e a retirada do povo indígena da área. Além disso, enfrenta a tentativa de invasão por moradores de localidades vizinhas e o alto índice de desmatamento e queimadas praticadas por não indígenas que residem no território para a construção de roçados ou em quintais produtivos. Em contraponto a isso o povo indígena usa como um dos instrumentos de resistência as práticas agroecológicas como os quintais produtivos, que nada mais são que a substituição do que popularmente se chama de roçado, para a produção alimentar na residência do próprio agricultor cultivado em um sistema de consórcio de culturas, e a valorização das plantas e sementes nativas.

A casa de sementes foi entregue ao povo no ano de 2016, a partir do programa Sementes do Semiárido da Articulação do Semiárido Brasileiro- ASA, que construiu 200 casas de sementes no Ceará, com o intuito de resgatar, preservar e multiplicar o estoque de sementes crioulas e variedades nas comunidades. Esta é a única instalada em território indígena no estado, portanto vem estabelecer relação direta com a luta pelo território e a garantia dos direitos fundamentais. O Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador- CETRA como parte do programa da ASA, iniciou uma capacitação de seleção, produção e multiplicação de sementes, juntamente com 20 famílias de agricultores e agricultoras indígenas das quatro aldeias que dividem a área, são elas: São José, Munguba, Buriti do Meio e Buriti de Baixo, para que esses indígenas se mantenham sendo guardiães e guardiões do patrimônio genético, segurança e soberania alimentar. E o processo de idealização e manutenção da casa se faz com base na interação de jovens, crianças, mulheres, troncos-velhos (idosos), estabelecendo diálogo direto com a educação e saúde indígena.



Imagem 1. Momento de inauguração da casa de semente Raízes da terra, na qual estava presente a juventude e agricultores/as indígenas da comunidade. Foto: Acervo CETRA(Terra indígena Tremembé da Barra do Mundaú - Itapipoca CE). 14/06/2016.



Imagem 2. Agricultor Paulo César Tremembé (coordenador da casa de sementes) mostrando o banco de sementes da casa durante visita da ASA. Foto: Acervo CETRA. 14/06/2016.



Imagem 3. Viveiro de mudas próximo a casa de sementes em fase de estruturação. Foto: Fátima Gabriele Tremembé. 25/03/2019.



Imagem 4. Croqui da Terra Indígena produzido pelos estudantes indígenas Tremembé do curso de Agronomia da Unilab, onde mostra algumas áreas de plantio e queimadas. Foto: Fátima Gabriele Tremembé. 12/09/2018.



Imagem 5. Mapa da Terra Indígena. Fonte: Google Earth

Desafios

Esse trabalho realizado pelos indígenas tem como principal problema o desmatamento e as queimadas praticadas por não indígenas no território, pois mesmo com a tentativa de diálogo e denúncias realizadas, não mudam suas técnicas de produzir alimento. Ainda é importante enfatizar que a Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Ceará ofertou a estes não indígenas uma formação com assistência técnica em agroecologia, para que mudem suas formas de produzir, e minimizem os impactos sobre a terra. Porém estes recusaram e permanecem destruindo a mata, inclusive o manguezal que é um dos ecossistemas mais importantes na manutenção da diversidade de várias espécies aquáticas e terrestres, além de ser um dos principais ambientes onde as famílias da área retiram seu alimento. Outro desafio foi recuperar diversas sementes usadas no plantio que estavam em desuso ou mesmo porque algumas famílias usavam apenas na alimentação e não as armazenavam para os próximos plantios. Nisso, na casa de sementes tem se armazenado algumas dessas sementes, e outras nativas já pouco encontradas nas matas. É importante manter a preservação delas, no intuito de que



mais a frente elas sirvam para as novas gerações, afinal de conta se as queimadas e desmatamentos de plantas continuarem será preciso replantar todas elas novamente, mesmo sabendo que o processo de cada uma é demorado. No entanto o povo que habita a comunidade tem demonstrado muita preocupação com os fatos que vem acontecendo, de pensar que suas fontes de sobrevivência não podem mais existir, principalmente o mangue e toda a mata presente na beira do rio, local onde é armazenado maior parte do sustento da comunidade. E tudo acontece de forma descontrolada, gerando ainda mais conflitos, com perseguições e ameaças a indígenas que denunciam essas práticas. Com tudo isso, ainda há resistência por parte de alguns agricultores indígenas para o mantimento do banco de sementes da casa, pois produzem muito pouco e nem sempre é suficiente sequer para alimentação da família. Pensando nisso, tem-se buscado organizar estratégias de melhor estruturação da casa afim de que todos se integrem de modo que melhorem suas produções e fortaleçam a diversidade de sementes da casa, para que essas se mantenham como patrimônio do povo e garantam a segurança e soberania alimentar das famílias.

Principais resultados alcançados.

A prática do armazenamento de sementes é um método utilizado pelas famílias indígenas há décadas, porém, cada uma armazenando de forma individual, havendo apenas doações ou trocas, no entanto, em anos de menor produtividade havia dificuldades para armazenar sementes para o próximo plantio, pois às vezes não era suficiente nem para a alimentação diária. Com a casa de sementes e sua organização esses problemas estão sendo minimizados, pois algumas famílias que recebiam sementes transgênicas do governo do estado como única alternativa para se plantar, tem retirado da casa as sementes que irá usar para o plantio, e após a colheita repõem para que outras famílias também utilizem e não se perca a informação genética local. Além disso há outros impactos positivos para o povo, como o reflorestamento de áreas devastadas, com sementes de espécies nativas, a construção de uma cerca viva a base de pinhão-bravo em uma das delimitações da terra, e a manutenção de um viveiro de mudas recém instalado próximo à casa de sementes. Portanto, tem garantido a segurança alimentar das famílias que usam em maior parte de sua alimentação produtos cultivados por elas mesmas, havendo bom retorno econômico pelo fato de não precisarem comprar parte dos alimentos, porém não obtêm lucros com a venda, pois produzem apenas para o auto-consumo.

Disseminação da experiência

A casa de sementes além das importâncias citadas acima, também contribui no fortalecimento da identidade étnica e cultural, pois o espaço também é usado pela juventude para realizar seus eventos e encontros, servindo de base para debates acerca dos direitos a vida, segurança e a terra, tendo em vista que as juventudes indígenas no Brasil são fortemente marginalizadas. Com base em dados do Ministério da Saúde a taxa de suicídio entre a população indígena é três vezes à média do país e 44% desses casos equivale aos praticados pela juventude indígena.



Portanto, a juventude Tremembé tem trabalhado ativamente na vida da casa de sementes, sua importância histórica da comunidade, já que além de sementes, tem um grande acervo histórico com documentos que narram a história local, cartas de denúncias e reivindicações enviadas ao Estado e União, livros de campanhas à favor da demarcação de território do povo, e diversos arquivos de luta, tudo isso narrando a trajetória da comunidade como povo.

Além disso, o povo interage com outras comunidades da região através de intercâmbios entre os agricultores, levando sua experiência e dialogando com outras a fim de enriquecer as vivências e tentar superar as dificuldades, fortalecendo também a relação com agricultores de outras terras indígenas do Nordeste. Deste modo, integra as novas gerações do território nas experiências vivenciadas pelas famílias o que garantem esses resultados, e estimula a juventude indígena a buscar uma formação profissional que possa levar assistência técnica aos agricultores e assim dar retorno ao povo. Exemplo disso, são os quatro jovens indígenas da terra que cursam agronomia na Unilab- Ceará, onde se prioriza a valorização da agricultura familiar com base nas diversidades sociais e culturais das comunidades e povos.

Portanto, a experiência da única casa de sementes em um território indígena do Ceará, onde há diversos conflitos territoriais e ambientais, mostra a resistência do povo, a importância de se preservar as sementes, as matas nativas, a vida e a relação ancestral com a terra, disseminando a experiência para outras realidades, melhorando a convivência com as diferentes condições ambientais e garantindo a segurança alimentar.

Referências bibliográficas:

ASA. **Sementes do Semiárido**. Disponível em: <<http://www.asabrasil.org.br/acoes/sementes-do-semiarido>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

MIGUEL CELA (Canindé-ce). **Conheça as "sementes da vida" cultivadas por famílias agricultoras no CE**. 2019. Disponível em: <<http://cetra.org.br/index.php/pt-br/noticias/9-noticias/375-conheca-as-sementes-da-vida-cultivadas-por-familias-agricultoras-no-ce>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

FERNANDO PESSOA DE ALBUQUERQUE. **Análise descritiva dos óbitos por suicídio na população indígena assistida pelo Subsistema de Atenção à Saúde Indígena entre 2010 e 2017**. 2018. Disponível em: <<http://portalquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/novembro/16/prevencao-do-suicidio---saude-indigena-em-debate.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

ISA- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Terras Indígenas protegem a floresta**. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/faq/tis-e-meio-ambiente>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.